

Originalidade

Alfredo José Mansur¹

Unidade Clínica de Ambulatório do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), Brasil

Originalidade é um termo que tem, entre outras acepções, no sentido figurado, o que é inusitado, que não foi ainda imaginado, dito, feito etc.; inovação, singularidade.¹ Como tal, pode ser uma digressão da experiência humana nos mais variados campos de atividade. Particularmente no que diz respeito aos cuidados com a saúde que trazem sempre demandas para a terapêutica e para o maior conforto das pessoas, além da edificação contínua da cultura, há a aspiração de que originalidade, *per se*, permita contribuições de variada monta renovando desde as naturais e humanas aspirações, a esperança, o diagnóstico, a terapêutica e muitas vezes o consolador conforto. Não raramente, a originalidade se harmoniza com o conceito de criatividade. Há autores que percebem a originalidade como *sentimento* edificante e aglutinador.² Enquanto profissionais relacionados à prática clínica, somos expostos continuamente a originais percepções nas várias etapas desse trabalho, tanto pelos acontecimentos cotidianos que acompanhamos quanto pela experiência propriamente profissional de cuidar de pessoas.

Como profissionais de saúde, nossa missão essencial é com aqueles que de nós precisam no âmbito de populações, no âmbito de uma comunidade ou no plano individual. Naturalmente cada tempo, cada época, cada comunidade ou cada pessoa tem demandas individuais, que podem ser consideradas originais e podem ser trazidas à apreciação profissional.

Às vezes, pacientes trazem histórias incomuns que foram registradas como experiências **cotidianas** originais. Um médico em outro País atendeu uma paciente aposentada que foi durante toda a vida funcionária de hotel e contou na anamnese que havia ido ao hospital uma única vez na vida, quando jovem, por ter sofrido um acidente e fraturado o braço em razão da queda de um mastro de navio que emborcou no começo do século XX, quando ela estava vindo da Irlanda para os Estados Unidos, nos andares inferiores do navio. Seguiu o médico a anamnese e em seguida perguntou – qual era o nome do navio? A paciente respondeu: Titanic³. Depois dessa história, a paciente transformou-se em celebridade para os profissionais, jornais locais e televisão. Ainda no aspecto cotidiano, recentemente a Academia Sueca, por ocasião do Prêmio Nobel de literatura concedido à canadense Alice Munro, enfatizou a habilidade da autora em mostrar “*how much of the extraordinary can fit into that jam-packed emptiness called The Ordinary*.”⁴ Por meios sutis, foi capaz de demonstrar o impacto de ocorrências aparentemente triviais na vida das pessoas.⁵ Prosseguiu o Dr. Fitzgerald, autor do relato da paciente do Titanic – talvez pressões de natureza econômica, eficiência, tempo gasto em documentação, tecnologia ou distanciamento do paciente contribuam para que a curiosidade para se estar atento a algumas originalidades poderia se atenuar no cotidiano³. A sobrecarga de estímulos cognitivos foi apontada como uma variável passível de ser trabalhada na experiência de aprendizado.⁶

¹Livre-docente em Cardiologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo (SP), Brasil. Diretor da Unidade Clínica de Ambulatório do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da FMUSP, São Paulo (SP), Brasil.
 <https://orcid.org/0000-0002-6904-3039>

Editor responsável por esta seção:

Alfredo José Mansur. Livre-docente em Cardiologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo (SP), Brasil. Diretor da Unidade Clínica de Ambulatório do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da FMUSP, São Paulo (SP), Brasil.

Endereço para correspondência:

Unidade Clínica de Ambulatório do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
 Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 44 — São Paulo (SP) — Brasil — CEP 05403-000
 Tel. InCor (11) 2661-5237 — Consultório: (11) 3289-7020/3289-6889 — E-mail: ajmansur@incor.usp.br

Fontes de fomento: nenhuma Conflito de interesse: nenhum

Entrada: 28 de maio de 2024. Última modificação: 28 de maio de 2024. Aceite: 28 de maio de 2024

Outra característica da originalidade pode ser o caráter **surpreendente**. A arte foi também usada para exemplificar o caráter surpreendente que algumas descobertas originais, às vezes imprevisíveis, como as proteínas sensíveis à luz de alguns micro-organismos que podem estimular ou inibir células cerebrais isoladas a depender do comprimento de onda luminosa.^{7,8} Há originalidades que mudaram o modo de pensar a respeito de um tema, fascinam a imaginação, resistem ao tempo e mudam o modo de pensar naquele ramo de atividade. Conceituado editorialista recorreu a esses princípios para homenagear importantes contribuições científicas originais a respeito dos RNAs.⁹ Nesse contexto, comentou que às vezes a originalidade de um pintor recorre a uma técnica ancestral de séculos atrás para ser “original” como um quadro do século XIX (1818-1819) remete à estética de pintores do renascimento (Michelangelo – 1475-1564; Caravaggio – 1571-1510).⁹

Outra dimensão da originalidade é o **efeito do tempo**, deixando algumas intervenções cirúrgicas originais, recebidas inicialmente com muita esperança, que não se sustentaram no decorrer do tempo, por exemplo com a ventriculectomia parcial.^{10,11} Há intervenções cirúrgicas feitas no passado que foram reunidas sob o título de intervenções placebo.¹² Muitos reconhecimentos de originalidade se deram muitos anos depois das descobertas e outros desenvolvimentos associados, como bem o demonstram laureados do Prêmio Nobel. De fato a expressão da última vontade de Alfred Nobel registrou que

destinava-se um montante para “ser distribuído anualmente àqueles que, no ano anterior, conferiram o maior benefício para a humanidade”.¹³ O tempo também pode mudar a interpretação da concessão do Prêmio Nobel, como no caso da lobotomia frontal, em 1949.¹⁴

A originalidade pode surgir de um achado de **serendipidade** (o termo *serendipity* está também dicionarizado no dicionário Houaiss!).¹⁵ Em consulta de descobertas por serendipidade ao PubMed (*discovery by serendipity*) identificamos 360 artigos. Novos achados, descobertas que se renovam, o clássico virou novo foram descritos por exemplo para medicamentos (aspirina, sildenafila, talidomida, entre outros).¹⁶

A originalidade pode surgir de uma **nova visão**, com o emprego de novas tecnologias. Para tanto, podem contribuir as novas tecnologias que em muitos casos permitem escrutinizar fatos biológicos que eram vistos mais à distância, sem a profundidade atualmente possível com tecnologias que podem chegar até ao nível celular, subcelular ou molecular. Nesse sentido, a originalidade das novas descrições pode contribuir de modo relevante para a melhoria dos processos de cuidados com a saúde.

Finalizando essas reflexões, muitas outras dimensões da originalidade nos vários campos de atividade relacionados ou não aos cuidados com a saúde podem ser invocados e estudados e virão a se manifestar no futuro. E nunca é demais reiterar que a experiência dos colegas pode ampliar, aprofundar e enriquecer as reflexões ora delineadas.

REFERÊNCIAS

- Houaiss A, Villar MS. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- Scharmer CO. O essencial da teoria U: princípios e aplicações fundamentais. Curitiba: Editora Voo, 2020.
- Fitzgerald FT. Curiosity. Ann Intern Med. 1999;130(1):70-2. PMID: 9890857. <https://doi.org/10.7326/0003-4819-130-1-199901050-00015>.
- Alice Munro was the English language's Chekhov. The Economist 2024 May 15th. Disponível em: <https://www.economist.com/culture/2024/05/15/alice-munro-was-the-english-languages-chekhov>. Acessado em 2024 (Maio 28).
- Alice Munro – Facts. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/2013/munro/facts/>. Acessado em 2024 (Maio 28).
- Mancinetti M, Guttormsen S, Berendonk C. Cognitive load in internal medicine: What every clinical teacher should know about cognitive load theory. Eur J Intern Med. 2019;60:4-8. PMID: 30181017. <https://doi.org/10.1016/j.ejim.2018.08.013>.
- Goldstein JL. What Makes a Piece of Art or Science a Masterpiece? Cell. 2018;175(1):1-5. PMID: 30217357. <https://doi.org/10.1016/j.cell.2018.08.026>.
- Krueger E, Manczak T, Wilson EMH, Silva WJ da, Nohama P. Optogenética e estimulação óptica neural: estado atual e perspectivas. Rev Bras Eng Bioméd. 2012;28(3):294–307. <https://doi.org/10.4322/rbeb.2012.029>
- Goldstein JL. The surprise element: A hallmark of creativity in scientists, artists, and comedians. Cell. 2021;184(21):5261-5265. PMID: 34562364. <https://doi.org/10.1016/j.cell.2021.08.007>.
- Starling RC, McCarthy PM, Buda T, et al. Results of partial left ventriculectomy for dilated cardiomyopathy: hemodynamic, clinical and echocardiographic observations. J Am Coll Cardiol. 2000;36(7):2098-103. PMID: 11127447. [https://doi.org/10.1016/s0735-1097\(00\)01034-2](https://doi.org/10.1016/s0735-1097(00)01034-2).
- Hetzer R, Javier MFDM, Wagner F, Loebe M, Javier Delmo EM. Organ-saving surgical alternatives to treatment of heart failure. Cardiovasc Diagn Ther. 2021;11(1):213-225. PMID: 33708494; <https://doi.org/10.21037/cdt-20-285>.
- Johnson AG. Surgery as a placebo. Lancet. 1994;344(8930):1140-2. PMID: 7934500. [https://doi.org/10.1016/s0140-6736\(94\)90637-8](https://doi.org/10.1016/s0140-6736(94)90637-8).

13. The establishment of Nobel prize. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/alfred-nobel/alfred-nobels-will/>. Acesso em 2024 (Maio 28).
14. Lichtman MA. Controversies in Selecting Nobel Laureates: An Historical Commentary. Rambam Maimonides Med J. 2022;13(3):e0022. PMID: 35921488; <https://doi.org/10.5041/RMMJ.10479>.
15. Pepys MB. Science and serendipity. Clin Med (Lond). 2007;7(6):562-78. PMID: 18193704; <https://doi.org/10.7861/clinmedicine.7-6-562>.
16. Jourdan JP, Bureau R, Rochais C, Dallemagne P. Drug repositioning: a brief overview. J Pharm Pharmacol. 2020;72(9):1145-1151. PMID: 32301512; <https://doi.org/10.1111/jphp.13273>.